

**DISPARO FATAL**

**ANA CLARA CARVALHO**

# **DISPARO FATAL**

**QUEM MATOU COLIN FORTESCUE?**





www.egoeditora.com  
geral@egoeditora.com

**Ficha Técnica:**

**Autora** - Ana Clara Carvalho

**Título** - Disparo Fatal

**Capa** - EGO

**Imagens da Capa e Contracapa** - depositphotos©

**Revisão de Texto** - Cláudia Leal

**Paginação** - EGO

**Edição** - EGO

**1ª Edição** - Setembro 2016, Lisboa

**ISBN** - 978-1539116851

**Impressão e Acabamento** - Tipografia Lousanense

©2016, Ana Clara Carvalho e EGO Editora

*Para a tia Mané,  
com carinho e saudades.*

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida,  
nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo  
sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

# AGRADECIMENTOS

*Para mim, escrever este livro foi uma verdadeira aventura, mas não fui a única participante. Como tal, gostaria de deixar o meu sincero agradecimento a algumas pessoas que se vieram a revelar insubstituíveis neste processo:*

*Aos meus pais, Clara e António, pelo olhar racional que sempre tiveram perante tudo quanto faço e por me terem cativado desde muito jovem para o incrível mundo da leitura;*

*À tia Luísa e primos Telma e Luís, pelo apoio entusiástico que me deram nesta fase da minha vida;*

*Ao Paulo Oliveira, pelo inacreditável nível de detalhe, rigor e imparcialidade com que comentou a história;*

*À EGO Editora, pelo enorme voto de confiança, apoio constante e hipótese que me proporcionou de tornar este sonho realidade.*

## PRÓLOGO

Colin Fortescue era uma daquelas pessoas a quem a vida sorria desde sempre. Ainda que oriundo de uma família modesta, podia gabar-se de que nunca nada lhe faltara. Em criança, acumulava alguns brinquedos que lhe eram oferecidos e, apesar da importância que estes tinham para ele, não se importava de os partilhar com os amigos, mesmo que isso significasse chegar a casa com um carro de corridas desfeito. A sua bondade, notória desde tenra idade, cativava todos os que o rodeavam e constituía um dos traços mais marcantes da sua personalidade.

Fisicamente, Colin era irrefutavelmente atraente. Nem foi preciso chegar à adolescência para que todas as meninas fizessem fila para o conhecer, na esperança de lhe suscitarem algum interesse. “Tentar não custa” era o lema das candidatas, e a rejeição não seria nada que já não tivesse acontecido a tantas outras. Sim, Colin mostrava-se sempre indiferente a toda a atenção feminina que recebia. “De facto, ela é engraçada... mas não faz o meu género”, costumava argumentar, sempre que rejeitava as investidas de uma interessada, para grande incredulidade dos seus amigos que provavelmente adorariam estar no seu lugar.

Porém, tudo mudou no dia em que Colin viu Catherine Sinclair pela primeira vez e o seu coração aparentemente frio e desligado tornou-se exatamente o oposto. Conheceram-se numa festa de amigos em comum, cada um já com os seus vinte e poucos anos. Na altura, Colin sentia-se

conformado com a ideia de nunca vir a encontrar a companheira ideal para a vida e Catherine, mais experiente em relacionamentos, vivia desiludida com o desfecho de todos eles, perguntando-se constantemente se seria ela o problema.

No momento em que Catherine entrou na sala, Colin sentiu aquilo que sempre vira acontecer nos filmes, mas que pensava não existir na vida real. O seu estômago contraiu-se num misto de alegria e de nervosismo e sentiu uma leve tontura percorrer-lhe o crânio de uma ponta à outra. A presença de Catherine tinha tanto de atrativo quanto de intimidante e a forma graciosa como se movimentava pela sala fazia girar todas as cabeças na sua direção. Tinha um jeito único de estar, de sorrir, de cruzar as pernas compridas e até de mexer ao de leve no cabelo loiro que lhe enfeitava a cabeça. Era majestosa, uma diva, um íman para Colin, que em nada pensava se não na melhor forma de se aproximar. A sua parca experiência amorosa tinha agora repercussões, pois não conseguia pensar em forma nenhuma de abordar Catherine, que não parecesse ridícula ou forçada. Colin queria desesperadamente tentar a sua sorte e pelo menos passar de um estranho a um conhecido. Sim, já ficaria contente em ser um conhecido, pois isso significaria que a sua pessoa já faria parte da teia de pensamentos e memórias de Catherine.

Num ímpeto de coragem, decidiu ir apresentar-se.

– Fortescue. Colin Fortescue. Prazer em conhecê-la – disse, enquanto a sua mão firme e masculina apertava a mão pequena e delicada de Catherine.

– Catherine Sinclair. Igualmente.

Que voz deliciosamente cristalina a que Colin teve o prazer de ouvir durante essa noite. Apesar do nervosismo inicial, a conversa acabou por fluir naturalmente e Colin veio a saber que Catherine, que preferia ser chamada de Kate, trabalhava na área de química e fazia análises num laboratório em Birmingham.

Para Colin, cada palavra que ia saindo da sua boca finamente desenhada era fascinante. A forma como os seus lábios vermelhos se moviam enquanto falava prendia-lhe a atenção, quase tanto como os olhos negros que o fitavam com uma intensidade surreal. Enquanto apreciava os traços

físicos da sua musa, Colin esforçava-se por se concentrar na conversa e causar boa impressão. Estaria Kate minimamente fascinada por ele? As dúvidas dissiparam-se quando a jovem lhe confessou que gostaria muito de o voltar a ver.

Apesar do insucesso que pautava a sua vida amorosa, Catherine tinha conseguido voltar a sentir alguma esperança durante aquele encontro com Colin, que lhe parecera um homem completamente diferente dos restantes, com uma conversa interessante, sabendo ouvir e falar no momento adequado. Claro que podia ser fogo-de-vista e Colin ser apenas mais um mulherengo que se dedicava a enumerar as várias conquistas que ia conseguindo ao longo da vida. Catherine não esquecia essa possibilidade, apesar de estar disposta a dar uma hipótese a este desconhecido cujo caminho se cruzara com o seu.

Depois de alguns encontros, a retração da jovem desapareceu por completo, dando lugar a um intenso carinho por aquele homem, que era por este completamente retribuído. Ao longo do tempo, Kate teve a certeza de que o queria ter por perto na sua vida e dava por si ansiosa pela próxima vez em que estariam juntos. Colin, por seu lado, sentia-se tão encantado e ofuscado como da primeira vez em que a vira. A alegria de se verem, de estarem juntos e até de partilharem os aparentemente insignificantes momentos do dia-a-dia, era contagiante.

Daí a um inocente namoro, seguido de um sumptuoso casamento, foi uma questão de tempo. O destino decidira unir Colin e Catherine, que viviam aqueles que provavelmente seriam os dias mais felizes das suas vidas, mas como não há mal que sempre dure nem bem que nunca acabe, esta felicidade tinha os dias contados...

... E ruiu por completo no momento em que Catherine viu o seu marido estendido no chão, lívido e inerte, esvaído em sangue.

## CAPÍTULO I

Catherine Sinclair deixou-se cair no chão, impotente. À sua frente jazia o seu marido com os olhos azuis muitos abertos, olhos que em tempos a fitavam apaixonadamente, mas que agora pareciam apenas denotar um misto de surpresa e terror. Do tiro certo que furara o peito de Colin, tinha brotado uma certa quantidade de sangue, onde apenas uma pequena porção secara, formando uma leve crosta. O resto sujava-lhe a roupa e manchava o tapete da sala.

Catherine tocou-lhe ao de leve na face, que ia perdendo gradualmente o seu tom corado, e sentiu um aperto forte e indefinido, talvez na garganta, talvez no estômago. Naquele momento, via todos os planos que fizera para a sua vida ao lado de Colin a caírem por terra. Catherine imaginava frequentemente a casa onde viviam repleta de filhos a correr de um lado para o outro, a gritar e a brincar como se não houvesse amanhã. Imaginava-se a levá-los à escola, a assistir às reuniões de pais com o marido, a preparar as festas de aniversário... E ainda pensava mais além, quando lhe vinham à mente doces ideias de envelhecerem juntos e de ambos sentirem, ao fim de muitos anos de casamento, que tinham percorrido e construído uma vida lado a lado. Contudo, pior do que perder os planos que fazia para o futuro, era perder o que tinha no presente: um amor puro e genuíno e uma companhia dedicada, sempre disponível nos bons e nos maus momentos. As suas identidades tinham-se fundido de uma forma etérea e as suas almas estavam em pura conexão, pelo que perdê-lo era perder parte de si.

Olhando em redor, Catherine desviou a atenção do defunto pela primeira vez desde que ali entrara. Aquela sala, onde tinham vivido tantos momentos juntos, que acumulava tão boas recordações de jantares onde animosamente se discutia política entre uma ou outra bebida espirituosa, era agora palco de um cenário sangrento, que em tudo contrastava com o tal passado alegre.

Catherine voltou a olhar para o cadáver. Nunca tinha visto um e não sabia como lidar com a situação e, muito menos, tinha a calma e placidez necessárias para refletir acerca do que deveria fazer. Como tal, permitiu-se a afundar na sua própria mágoa e dor. E chorou aflitiva e desesperadamente, até que as lágrimas lhe deturpassem a visão, porque chorar era o único alívio que podia ter.

## 1.

*Eu sempre te amei tanto. Desde o início que soube que eras a tal: a primeira a despertar em mim sensações que nunca antes tinha conhecido, que julgava não existirem.*

*Kate, minha frágil flor, de quem vou cuidar para sempre. Quero dar-te todo o conforto e segurança do mundo, ser aquilo que durante toda a vida sonhaste encontrar, estar sempre presente para ti. Tu, que te entregaste a mim por completo, que me confiaste todo o amor que tinhas para dar, que me deste sentido à vida.*

*Gostava que tivesses noção do orgulho que senti quando te apresentei aos meus pais, ao Caleb e à Margaret. Todos te adoraram imediatamente, precisamente por conseguires encontrar alguma afinidade, por mais insignificante que seja, em cada pessoa com quem te cruzas. Ousaria até dizer que procuras incessantemente o bem nos que te rodeiam, acreditando piamente no seu lado bom e virtuoso. Como poderia alguém não gostar de ti?*

*A mãe não descansou enquanto não casámos. E, oh, a felicidade dela naquele dia! Ainda te lembras? Foi uma cerimónia muito bonita, tirando o facto de o tio Alfred ter exagerado um pouco na bebida... Mas o que seria um casamento sem um momento assim? Há que ter algo para rir e recordar passado algum tempo. Parecendo que não, já lá vão três anos de felicidade ao teu lado. Vivi momentos únicos contigo, momentos que desejo ardentemente que se repitam para todo o sempre e, mesmo assim, estou certo de que "todo o sempre" será sempre pouco para mim.*

*E não foi só o teu amor que completou a minha vida. Graças a ti, conheci pessoas com quem, de outra forma, nunca me teria cruzado: o teu pai, com quem gosto tanto de discutir críquete, a tua prima Joan, Rupert e Louise que te são tão dedicados e a quem também eu passei a chamar de amigos...*

*E isto é o que temos agora. Imagina o que o futuro nos reserva.*



## CAPÍTULO II

Caleb acordou cedo, como era habitual, e abriu os estores para se deparar com uma rua já em movimento, onde os vizinhos passeavam os cães e os automóveis desfilavam num caótico frenesim. Não se importava de todo com a azáfama que se fazia sentir lá fora. Na verdade, até lhe agradava, pois tinha a sensação de estar sempre acompanhado. Por ter contemplado inúmeras vezes aquele cenário, já conhecia as rotinas dos que o rodeavam: Miss Rosie Huddleston, a velhota solteirona do nº 25, costumava acordar por volta das oito da manhã e Mr Stewart, invariavelmente, passeava o seu bulldog francês três vezes ao dia.

Caleb, por seu lado, não tinha uma rotina específica, principalmente desde que acabara o curso e se tornara assistente de um professor na faculdade. Tanto podia ficar em casa, a desenvolver trabalho de investigação, como podia passar uma semana inteira na faculdade, a preparar aulas ou a ajudar na correção dos testes. Recém-formado na área de Comunicação Social, sempre demonstrara ser um brilhante aluno, pelo que não ficou surpreendido ao ser convidado para dar continuidade à sua carreira académica. Apesar de estar satisfeito e de ter bem presente que o seu trabalho era reconhecido, não podia deixar de sentir uma imensa curiosidade quanto ao verdadeiro mundo do trabalho nas empresas. Como seria trabalhar numa redação de um jornal, por exemplo? Ou num canal de televisão? O seu desejo por novos desafios era tal, que tinha acabado por se candidatar ao jornal Birmingham News. Optou por não revelar a